

RiMe

Rivista dell'Istituto
di Storia dell'Europa Mediterranea

ISBN 9788897317661

ISSN 2035-794X

numero 8/III n.s., giugno 2021

Antonio Albergati, colector em Portugal (1622-1624): uma presença contra a escravidão. Documentos inéditos em bibliotecas romanas

Antonio Albergati, collector in Portugal (1622-1624):
a presence against slavery. Unpublished documents
in Roman libraries

Mariagrazia Russo

DOI: <https://doi.org/10.7410/1480>

Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea
Consiglio Nazionale delle Ricerche
<http://rime.cnr.it>

Special Issue

Portugal na escrita dos Italianos
(sécs. XVI-XVIII)

Portugal in the writings of Italians
(16th-18th centuries)

Organizado por / Edited by

Nunziatella Alessandrini - Mariagrazia Russo
- Gaetano Sabatini

Direttore responsabile | Editor-in-Chief

Luciano GALLINARI

Segreteria di redazione | Editorial Office Secretary

Idamaria FUSCO - Sebastiana NOCCO

Comitato scientifico | Editorial Advisory Board

Luis ADÃO DA FONSECA, Filomena BARROS, Sergio BELARDINELLI, Nora BEREND, Michele BRONDINO, Paolo CALCAGNO, Lucio CARACCILO, Dino COFRANDESCO, Daniela COLI, Miguel Ángel DE BUNES IBARRA, Antonio DONNO, Antonella EMINA, Vittoria FIORELLI, Blanca GARÌ, Isabella IANNUZZI, David IGUAL LUIS, Jose Javier RUIZ IBÁÑEZ, Giorgio ISRAEL, Juan Francisco JIMÉNEZ ALCÁZAR, Ada LONNI, Massimo MIGLIO, Anna Paola MOSSETTO, Michela NACCI, Germán NAVARRO ESPINACH, Francesco PANARELLI, Emilia PERASSI, Cosmin POPA-GORJANU, Adeline RUCQUOI, Flocel SABATÉ i CURULL, Eleni SAKELLARIU, Gianni VATTIMO, Cristina VERA DE FLACHS, Przemysław WISZEWSKI.

Comitato di redazione | Editorial Board

Anna BADINO, Grazia BIORCI, Maria Eugenia CADEDDU, Angelo CATTANEO, Isabella CECCHINI, Monica CINI, Alessandra CIOPPI, Riccardo CONDRÒ, Alberto GUASCO, Domenica LABANCA, Maurizio LUPO, Geltrude MACRÌ, Alberto MARTINENGO, Maria Grazia Rosaria MELE, Maria Giuseppina MELONI, Rosalba MENGONI, Michele M. RABÀ, Riccardo REGIS, Giovanni SERRELI, Giovanni SINI, Luisa SPAGNOLI, Patrizia SPINATO BRUSCHI, Giulio VACCARO, Massimo VIGLIONE, Isabella Maria ZOPPI.

Responsabile del sito | Website Manager

Claudia FIRINO

© Copyright 2021: Author(s)

Gli autori che pubblicano con *RiMe* conservano i diritti d'autore e concedono alla rivista il diritto di prima pubblicazione con i lavori contemporaneamente autorizzati ai sensi della

Authors who publish with *RiMe* retain copyright and grant the Journal right of first publication with the works simultaneously licensed under the terms of the

“Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0 International License”.



RiMe. Rivista dell'Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea (<http://rime.cnr.it>)

Direzione e Segreteria | Management and Editorial Offices: via G.B. Tuveri, 128- 09129 Cagliari (I).

Telefono | Telephone: +39 070403635 / 070403670.

Invio contributi | Submissions: rime@isem.cnr.it

RiMe 8/III n.s. (June 2021)

Special Issue

Portugal na escrita dos Italianos (sécs. XVI-XVIII)

Portugal in the writings of Italians (16th-18th centuries)

Organizado por / Edited by

Nunziatella Alessandrini - Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini

Table of Contents / Indice

Nunziatella Alessandrini - Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini <i>Introdução / Introduction</i>	7-9
Cecilia Veracini <i>Uso e commercio degli animali non umani nell'espansione portoghese (secoli XV e XVI): le testimonianze dei viaggiatori italiani / Use and trade of non-human animals in Portuguese overseas expansion (15th and 16th centuries): Evidence from Italian travellers</i>	11-42
Nunziatella Alessandrini <i>Vincenzo Tron e Girolamo Lippomani: a Lisboa de Quinhentos em espelho / Vincenzo Tron and Girolamo Lippomani: the 16th century Lisbon in the mirror</i>	43-61

Rui Loureiro	63-81
<i>Breves notas sobre as cartas lisboetas de Filippo Sassetti (1578-1583) / Brief notes about the Lisbon letters of Filippo Sassetti (1578-1583)</i>	
Luís Costa e Sousa	83-112
<i>Portugal 1580: o itinerário gráfico de Stefano Angarano / Portugal 1580: Stefano Angarano's graphic itinerary</i>	
João Cabeleira	113-144
<i>Visão da paisagem seiscentista portuguesa através das vedute de Pier Maria Baldi e da Relazione ufficiale de Lorenzo Magalotti / A view of the 17th century Portuguese landscape through the vedute by Pier Maria Baldi and the Relazione ufficiale by Lorenzo Magalotti</i>	
Mariagrazia Russo	145-162
<i>Antonio Albergati, colector em Portugal (1622-1624): uma presença contra a escravidão. Documentos inéditos em bibliotecas romanas / Antonio Albergati, collector in Portugal (1622-1624): a presence against slavery. Unpublished documents in Roman libraries</i>	
Cristina Bravo Lozano - Roberto Quirós Rosado	163-183
<i>Evangelizzare nella tempesta. Fra' Bonaventura d'Alessano, la 'Restauração' in Portogallo e le origini della Missione del Congo / Evangelising in the storm. Friar Bonaventure d'Alessano, the 'Restauração' in Portugal and the origins of the Congo Mission</i>	
Ricardo Bernardes	185-198
<i>Vivat Maestri Scolari: a presença de Giuseppe Scolari e as suas óperas em Lisboa entre 1766 e 1774 / Vivat Maestri Scolari: the presence of Giuseppe Scolari and his operas in Lisbon from 1766 to 1774</i>	
Elfrida Ralha	199-238
<i>João Ângelo Brunelli (1722-1804). Episódios históricos marcados por um matemático bolonhês contratado por D. João V / João Ângelo Brunelli (1722-1804). Historical episodes marked by a Bolognese mathematician hired by D. João V</i>	
Ana Paula Avelar	239-259
<i>A Alteridade na revisitação de um Portugal setecentista. As "Mémoires pour servir à l'histoire de ma vie" de Giuseppe Gorani / The Otherness in</i>	

the re-visitation of a 18th century Portugal. The “*Mémoires pour servir à l’histoire de ma vie*” by Giuseppe Gorani

Focus

Antonio González Valverde - José Javier Ruiz Ibáñez

263-298

El derecho y el azar testamentario: mérito, promoción social, normativa y tiempos en la sucesión del maestro de campo don Juan de Rivas, castellano de Cambrai (1596-1616) / Testamentary law and chance: merit, social promotion, norms and times in the succession of the maestro de campo Don Juan de Rivas, castellan of Cambrai (1596-1616)

**Antonio Albergati, coletor em Portugal (1622-1624):
uma presença contra a escravidão.**

Documentos inéditos em bibliotecas romanas

**Antonio Albergati, collector in Portugal (1622-1624):
a presence against slavery.**

Unpublished documents in Roman libraries

Mariagrazia Russo

(Università degli Studi Internazionali
di Roma - UNINT)

Date of receipt: 10/02/2021

Date of acceptance: 21/04/2021

Resumo

No século XVII, na Península Ibérica, as relações entre Igreja e Estado estiveram muito tensas, cada uma das partes a avocar para si os poderes políticos e jurídicos que lhes garantiriam a preservação da autoridade; a isto acrescentava-se a questão ligada ao reconhecimento da independência portuguesa por parte do governo de Roma. Neste quadro atuou Antonio Albergati (1566-1634), nomeado coletor em Lisboa em 1620. Neste artigo apresentam-se três documentos inéditos que mostram a influência que Albergati teve e o afincamento com o qual trabalhou para recolher e divulgar notícias sobre as colônias portuguesas em África, destacando-se o seu empenho para a difusão da fé católica e contra a escravidão.

Palavras-chave

Antonio Albergati; século XVII; Portugal; documentos inéditos; Propaganda Fide.

Abstract

In the 17th century, in the Iberian Peninsula, relations between Church and State were very tense, each of the parties calling upon themselves the political and legal powers that would guarantee them the preservation of authority; to this was added the question linked to the recognition of Portuguese independence by the government of Rome. Antonio Albergati (1566-1634), appointed collector in Lisbon in 1620, acted in this context. In this article are presented three unpublished documents that show the influence that Albergati had and the dedication with which he worked to collect and disseminate news about the Portuguese colonies in Africa, highlighting its commitment to the spread of the Catholic faith and against slavery.

Keywords

Antonio Albergati; 17th century; Portugal; Unpublished documents; Propaganda Fide.

1. Apêndice. - 2. Bibliografia. - 3. Curriculum vitae.

A primeira metade do século XVII na Península Ibérica, quanto às relações entre Igreja e Estado, está marcada pela contestação dos privilégios e dos poderes de Roma: o direito de nomeação de bispos nas sés episcopais que a Coroa queria avocar a si para poder exercitar o necessário controlo do país e que, pelo contrário, a Igreja não podia ceder para manter a própria autoridade; os benefícios eclesiásticos em geral que o papado defendia; a jurisdição do tribunal da Inquisição contendida entre os dois poderes religioso e secular; as imunidades fiscais pretendidas pelo clero regular que, pelo contrário, a monarquia queria abolir; o mantimento das propriedades eclesiásticas que começava a vacilar fortemente.

Na segunda metade do século, acrescentam-se as questões ligadas ao reconhecimento da independência portuguesa em Roma, que interessou trinta anos de história (desde 1640 até 1670) durante os quais a Igreja tentou negociar os direitos já adquiridos; acabando os últimos trinta anos com a nova perspectiva da monarquia portuguesa virada para as riquezas do Brasil e a Igreja ainda em dificuldade pelas imunidades.

O século XVII será portanto caracterizado pela presença de coletores com funções de nuncios: uma espécie de reconhecimento silencioso de uma identidade própria de Portugal, até aos anos '50, para depois deixar espaço a uma pausa diplomática, devida às incertezas políticas até 1670, quando em terra lusitana regressará uma presença não de uma coletoria mas de uma efectiva nunciatura com Mons. Francesco Ravizza (1615-1675), bispo, diplomata e nuncio apostólico.

O coletor Antonio Albergati (1566-1634) substitui Vincenzo Landinelli (1567-1627?), entrado em Portugal, no dia 4 de junho de 1620, como enviado a Lisboa por Paulo V (1552-1621), o qual teve que sair prematuramente da terra lusitana porque acusado pelo tribunal de ter criticado a administração do governo hasbúrgico. Vincenzo Landinelli recebe, no dia 16 de abril de 1622¹, a carta de despedida enviada pelo papa Gregório XV (1554-1623). O novo coletor assumiu o seu novo encargo depois de um ano da subida ao trono de Filipe III de

¹ British Museum, Bibl. Eg. 1131-1136: *PAPELES VARIOS de Portugal a collection of official papers in Spanish consisting of original Consulta of the Council and Governors of Portugal of the Council of State in Madrid and of different Juntas together with Reports of ministers and various Letters and Memorials relating to the affairs of Portugal and its colonies during a portion of the period of its union with Spain and chiefly in the years 1620 1626*, in six Volumes, Folio (descrição em *Catalogue*, 1850, t. III, f. 251).

Portugal (IV de Espanha, 1605-1655; 1621). Albergati, “fidalgo bolonhez”², era de facto parente muito próximo do papa Gregório XV, Ludovisi, sendo o irmão deste, Orazio Ludovisi (1561-1640), casado com Lavinia Albergati (cerca de 1575 - depois de 1621), irmã do coletor. Remontam a um mês antes, exatamente ao dia 4 de março de 1622, as instruções enviadas pelo papa a Albergati para a sua coletoria em Portugal³, sendo ele destinado à terra portuguesa já desde 15 de setembro do ano anterior. Antonio Albergati escolheu como auditor em Lisboa o abade Joseph Zongo Ondedei (1600?-1674), prelado franco-italiano, que permanecerá em Portugal depois da sua saída ocorrida em 1624.

Albergati, que já tinha sido incumbido em 1610 da difícil nunciatura em Colónia, prosseguiu no trabalho de Vincenzo Landinelli na tentativa de resolver as controvérsias sobre a colecta dos benefícios eclesiásticos do Reino, voltando a examinar as prerrogativas e os direitos eclesiásticos, organizando e publicando, em Lisboa (ex officina Pedro Craesbeeck) em 1622, os *Decreta pro tribunali apostolico Ulyssiponensi*.

Além disso, na linha do que já fora anunciado alguns anos antes pelo diplomata congolês António Emanuel Nsaku Ne Vunda, o Negrita (m. 1582), Albergati procurou defender os missionários em Angola, intervindo até duramente contra o governador colonial português, João Correia de Sousa, que exercia o cargo de Capitão-General no Reino de Angola entre 1621 e 1623, e os seus funcionários, que foram excomungados. João Correia de Sousa tinha, de facto, enviado cinco navios de Angola para o Brasil com um total de 1211 escravos.

Para resolver a questão das relações com o ultramar, Albergati fez uma viagem a Madrid, como núncio extraordinário junto da corte espanhola, na tentativa de esclarecer toda a situação dos missionários nas várias colónias portuguesas, pedindo numerosas informações que hoje se encontram recolhidas num códice da *Biblioteca dell'Accademia Nazionale dei Lincei e Corsiniana* de Roma⁴.

² António Pereira de Figueiredo, *Cathalogo dos Legados a Latere, Delegados, Nuncios e Collectores da Sé Apostolica, que até o presente tem havido em Portugal*, ms. Archivio Segreto Vaticano (de agora em diante ASV), Nunziatura Apostolica di Lisbona, n. 386, a partir do f. 242. Dos fólhos que sobreviveram de um incêndio (evidente nas queimaduras de algumas páginas) estou a fazer a edição.

³ A referência foi encontrada em Narducci, 1892, p. 149.

⁴ Biblioteca Corsiniana 495.39.B.4, *Notizie e memorie diverse concernenti la nunziatura di Colonia (1610-1621) e collettoria de' spogli di Portogallo (1621-1624) raccolte da mons. A. A. vescovo di Bisceglie* (originais e cópias): contém notícias sobre Congo, Angola, Índias Orientais, Cabo Verde, etc.. Outras fontes manuscritas no ASV, Miscell., Arm. II, n. 177, pp. 117-126. Fontes

Albergati aplicou uma forte política na direção da evangelização da África portuguesa, na perspectiva da recém criada *Propaganda Fide*, instituída pelo cunhado da sua irmã, o papa Gregório XV⁵, cujo Prefeito era então o sobrinho Ludovico Ludovisi (1595-1632). Desta forma, confere ao bispo de São Tomé o cargo de visitador apostólico dos reinos de Angola, Congo, Cabo Verde, Serra Leoa e ilha de S. Lourenço, tentando também reduzir a presença de judaizantes em África.

Quando Albergati voltou a Itália, a 27 de fevereiro de 1624, deixou em Lisboa a sé vacante por alguns meses⁶ até à vinda de Giovanni Battista Maria Pallotta ou Pallotta (1594-1668), “Colleitor e Nuncio”⁷, o qual, a partir de 1624, teve de continuar no seu trabalho de resolução da questão da coleta dos benefícios eclesiásticos. Albergati deixou ao seu colega para este fim umas detalhadas instruções, incentivando a política de excomunhão⁸. Por causa das discrepâncias entre Igreja e Coroa foi também preso em Madrid o auditor Zongo Ondedei que tinha ficado entre Lisboa e a capital espanhola depois da saída de Albergati⁹. O coletor de Portugal, uma vez em Itália, voltou ao seu encargo de bispo de Bisceglie (pelo qual tinha recebido a nomeação em 1609), para depois ser nomeado coadjutor do sobrinho, o cardeal Ludovico Ludovisi, até à morte dele ocorrida em 1632. Albergati faleceu dois anos depois em Roma.

impressas: *Corpo Diplomatico Portuguez*, 1902 (t. XII), pp. 227-244. Mais informações sobre António Albergati em Rosa, 1960, pp. 615-617; e Rodrigues, 2001, p. 290.

⁵ O dicastério romano foi fundado canonicamente com a bula *Inscrutabili divinae providentiae* de 22 de junho de 1622. Cfr. Pizzorusso, 2018, *passim*.

⁶ No *Catalogo* de A. Pereira de Figueiredo (f. 244) parece que neste período fosse destinado à coletoria, sem nunca chegar a desenvolver o seu papel, Paolo Torelli, filho de Pomponio Torelli e de Isabella Bonelli (filha, por sua vez, de Marco e de Dominia de Gibertis, sobrinha do papa Pio V e irmã do cardeal Michele Bonelli): “Paulo Taureli, natural de Parma, filho do Conde Pomponio Taureli, e por sua mai segundo sobrinho do Papa Pio V”. Pomponio Torelli trabalhara na corte do Duque Ranuccio I Farnese.

⁷ *Ibi*, f. 245.

⁸ Fontes: Vat. lat. 10442, ff. 30r-58v, *Istruzione a mons. Pallotto* [Giambattista Pallotta] *per la collettoria del regno di Portogallo*; e Vat. lat. 10446, ff. 69r-73v, 88r-93v, *Istruzione a mons. Pallotto* [Giambattista Pallotta] *per la collettoria del regno di Portogallo*. Poderia pertencer a Albergati também a *Istruzione a Monsignor Pallotta Ministro Apostolico alla Corona di Portogallo*, que se encontra manuscrita no códice 8699; *Relazioni of Spain and Portugal*, ff. 51-107, na British Library de Londres (não consultámos este último ms. que, pelo contrário, é atribuído ao cardeal Francesco Barberini).

⁹ Cfr. Siri, 1655, t. V, parte prima, p. 353.

A política de Albergati em Portugal torna-se manifesta nos documentos hoje recolhidos no códice 495.B.4 da *Biblioteca dell'Accademia Nazionale dei Lincei e Corsiniana* de Roma. O título deste manuscrito foi dado no período da encadernação na metade do século XVIII: *Notizie, e Memorie Diverse Concernenti la Nunziatura di Colonia e Collettorìa de' Spogli di Portogallo Raccolte da Mons.re Antonio Albergati Vescovo di Bisceglie*, escrito na f. Ir. Os documentos em papel presentes nesta coletânea, escritos por diferentes amanuenses, remontam à metade do século XVII e são datáveis entre 1610 e 1622. O ms. de 389 fólhos, mais 3 iniciais (formato: mm. 335x225 com referência ao f. I), é encadernado em cartão revestido em pergaminho, atualmente rasgado na capa posterior. Selecionam-se apenas três documentos para mostrar a importância destes documentos e para abordar a questão sintetizada no presente artigo.

Alguns documentos presentes no interior da coletânea manuscrita mostram que o coletor tinha a responsabilidade de referir ao Pontífice não apenas de Portugal mas também da vida do ultramar: “Quando venne in Portogallo il Collettore tra gli altri negotij che gli commosse la Santità di Nostro Signore uno fu la cura dell'Indie e la previsione a molti negotij appartenenti a quelli e particolarmente il Re e Regno di Congo” (n. 3, f. 221). Os missionários presentes nas terras de ultramar referem adequadamente ao coletor a situação política, levando o próprio representante papal a descrever, num documento datado junho de 1622, a situação política até a obtenção da destituição do governador de Angola:

E perché s'intese che quel Re [*do Congo*] era travagliato dal Governatore d'Angola onde che era pericolo d'una gran guerra tra il Re di Spagna e quel Re pertanto il Collettore fece ufficio con Sua Maestà e con li Governatori del Regno che provedesse a questo grande inconveniente accio non si perdesse questo Re nuovo nella fede insieme col suo Regno. E cosi Sua Maestà informata della venuta di questo negotio ordino che quel Governatore venisse prigionie nel Castello accioche si liberasse dalle querelle oppostegli.

Ao mesmo tempo, o coletor percebe a necessidade de reforçar a actividade missionária que possa controlar a actividade do próprio governador e incentivar a fé católica. As duas exigências prioritárias resultam ser: “far altro Vescovo in Congo e piantarvi ancora un Seminario d'Indiani”, porque aquele reino é maior do que “tutta la Spagna, e non havendo altro che un Vescovo solo d'Angola non potrà bastare a soddisfare alli carichi di tante migliaia d'animi” (n. 3, f. 221).

Albergati insiste com estes mesmos pedidos numa carta (ff. 18 e 19r, aqui transcrita em Apêndice, n. 1) para o Rei, com data 22 de outubro de 1622, na

qual propõe várias soluções para encarar a difícil situação angolana, tendo ele já consultado o embaixador em Roma¹⁰:

- a necessidade de um novo bispo *in loco* que poderia coadjuvar a ação dos funcionários reais na grande extensão territorial para limitar os abusos e para converter ao cristianismo as populações locais;

- a criação de mais um seminário para reforçar a acção evangelizadora dos padres missionários;

- o envio de novos padres (não só portugueses mas também de outras nacionalidades tendo em conta que irão àquelas terras quer Jesuítas italianos quer frades capuchinos), que possam ser de exemplo e servir como guias espirituais para os povos locais assim como para os colonos aí presentes, e que ao mesmo tempo controlem os enviados do rei para evitar abusos e comportamentos criminais;

- o facto de os vassallos do reino não serem vexados pelos governadores.

A contingência política da época pode ser melhor esclarecida apontando exactamente pelas questões sublevadas pela própria carta.

Naquela altura era governador do Reino de Angola e Congo Luís Mendes de Vasconcelos, nomeado em 1616 e substituído em 1622 pelo Administrador colonial e capitão Geral, João Correia de Sousa. Vasconcelos tinha como encargo o de manter – assim como sugere Mathieu Demaret (Demaret, 2021, p. 7):

relações pacíficas com os africanos. No entanto, o mandato de Luís Mendes de Vasconcelos foi marcado por uma lógica de confrontação sistemática com os estados africanos, contradizendo desta forma as ordens régias. Este governo foi também caracterizado por importantes tensões políticas, em particular com Manuel Cerveira Pereira, entretanto nomeado conquistador de Benguela. Estes conflitos políticos foram relatados pelo missionário Manuel Baptista, em 1619¹¹.

Infelizmente os mesmos problemas de ordem social ligados à escravidão serão sublevados também contra o novo administrador João Correia de Sousa, o qual será por sua vez afastado da terra angolana no ano seguinte (em 1623).

¹⁰ São embaixadores em Roma naquela época antes da saída de Albergati para a Península: Gaspar Borja y Velasco, embaixador *ad interim* (1616-1619); Francisco Fernández de la Cueva, duque de Albuquerque (1619-1623), embaixador oficial; Antonio de Trejo, OFM (1618-1620) e Domingo Pimentel, OP (1620), embaixadores extraordinários. Cfr. Giordano, 2006, pp. XXXV, LXX-LXXI.

¹¹ Adriano Parreira, *Documento no 105 da Caixa no 1, Angola*, manuscrito avulso depositado no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, IICT, 1993.

Além disso, em 1616, Luís Mendes de Vasconcelos, recém nomeado governador de Angola, dirigira um memorial ao rei de Portugal, argumentando a necessidade da travessia do continente (de oeste para leste) para encontrar uma alternativa à rota marítima do Cabo de Boa Esperança, onde os barcos portugueses sofriam a concorrência crescente dos navios neerlandeses e ingleses. O projeto de encurtar o caminho para as Índias foi num segundo momento defendido pelas autoridades religiosas, e em particular, em 1623, por Antonio Albergati, o qual numa carta destinada ao cardeal Barberini, evidencia o interesse manifestado pelo rei do Ndongo de se converter ao catolicismo e, por consequência, a possibilidade de converter as elites africanas, retomando o projeto de Luís Mendes de Vasconcelos de progredir na travessia do continente africano para atingir Moçambique e Mombassa (Brásio, 1952-1988, vol. 7, p. 172).

No entanto a travessia no interior de África em termos de evangelização criava numerosas dificuldades. É testemunha dessas complicações uma Informação sobre as missões de Angola de 1620, conservada no Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI)¹², onde aparece evidente a necessidade de missionação estável:

Nam conuem terem os nossos em Angola missões, por nam Serem de effeito: porque como aquellas terras todas sam de gentios, nam conuem bautizalos sem lhes ficar ordem pera se poderem conseruar na fee, e estandose os padres que os bautizaram, lhes nam pode ficar; e assi tornam outra uez a seus costumes gentílicos; pelo que hé isto cousa de grande escrúpulo; e assi o tiueram sempre os padres que em Angola tee hóie estiuerão.

Por esta razão os Jesuítas preferem ficar no “Reino de Congo e [...] Presideos, aonde estam muitos portuguezes”.

Como sabido, esta política de penetração na África não será percebida em toda a sua importância estratégica, quer económica quer missionária, até ao século XIX, quando as pretensões de Portugal a exercer soberania sobre os territórios entre Angola e Moçambique culminarão no ultimato britânico, a que Portugal terá de ceder.

Voltando às cartas de Albergati conservadas na Biblioteca Corsiniana, um dos pontos fundamentais é o pedido da nomeação de mais um bispo *in loco*: mas apesar desta manifesta necessidade, depois do Frei Manuel Baptista,

¹² ARSI - Lus. 74, ff. 163-163v, Publicado em Brásio, 1952-1988, vol. 6, p. 551.

nomeado em 1609 regressado a Lisboa em 1619, será nomeado em 1621 apenas um bispo, o Frei Simão Mascarenhas.

Em relação ao envio de novos padres as duas linhas de Albergati têm de ser lidas no panorama mais complexo das novas perspectivas da igreja que queria ao mesmo tempo subtrair a Companhia de Jesus ao controle do governo português (“se façam missões d’outros que de Portuguezes de maneira que agora venem a essas partes alguns Padres da Companhia Italianos”) e a abertura a outras ordens religiosas como a dos frades capuchos enviadas pela Propaganda Fide, recém instituída e sobretudo gerida pelo seu sobrinho. A proposta feita nessa carta por Albergati de forma indireta, pelo contrário, entra totalmente no que será um dos maiores conflitos da Igreja do século XVII e dos outros a seguir. Portugal, que já tem perdido o seu poder político, vai paulatinamente sofrer prejuízo também desde o ponto de vista eclesial, atenuando a estrita relação entre poder político e poder religioso, entre jesuítas controlados pelo governo português e jesuítas enviados em autonomia pela Igreja romana, entre Padroado português e Igreja católica que nele fundava a sua presença no mundo. A instituição de Propaganda Fide quebra um equilíbrio luso-eclesial que não regressará nos tempos a seguir: a possibilidade desta fenda é dada num momento histórico em que Portugal com a perda cada vez maior da sua autonomia política está também a dissipar o valor do seu Padroado. A Igreja terá, de toda forma, de se proporcionar com a situação económica atual visto ser a Coroa portuguesa a sustentar o aparato católico em África.

O coletor Albergati, desde Lisboa, entra portanto na vida das colónias sobre as quais recolhe informações, escreve ou manda escrever notícias, verifica os dados para depois propor soluções.

Entre os papéis desta colectânea ressalta, aolado da documentação que diz respeito a Angola, uma das mais antigas descrições das Ilhas de Cabo Verde, que põe em destaque não apenas a situação da cristandade mas também – mesmo que de forma essencial – a vida social e humana daqueles territórios. Na breve síntese inicial do arquipélago destaca-se que as ilhas “são todas povoadas, algumas de gentios, outras de *Christãos*” e que “as que são povoadas (que são muitas) são de Reis, e Senhores naturais gentios; as que são povoadas de *Christãos* são da Coroa de Portugal”.

Considerando que as mais antigas descrições¹³ de carácter histórico-geográfico-etnográfico centram-se na região dos rios da Guiné (referindo-se de forma muito sintética e extremamente marginal às ilhas do Cabo Verde – ou

¹³ Cfr. Almada, 1594; Donelha, 1625.

seja às ilhas situadas em frente do Cabo Verde da Guiné), esta descrição presente entre os papéis de Albergati pode ser considerada rara e original. Uma referência interna à presença da Companhia de Jesus na Serra Leoa poderia orientar a sua datação: “*Padres da Companhia, que houvera 16 annos que forão lá, e estiverão sempre ate os annos passados, que morreo ahi hum Padre, e depois não forão outros*”. De acordo com a data fornecida por Nuno da Silva Gonçalves da chegada do primeiro grupo de Jesuítas enviados para Cabo Verde, ou seja 5 de julho de 1604¹⁴, assim como com a data fornecida pela *Informação acerca das coisas da Guiné* do Padre Manuel Álvares, que determina a chegada à terra firme em maio de 1607, a data deste relato poderia coincidir com a presença de Albergati em Portugal, exactamente 1623. Esta descrição colocada entre os papéis de Albergati parece portanto ser uma pequena relação redigida para informar o próprio coletor da situação politico-sócio-religiosa, para ele depois poder por sua vez relatar ao próprio Papa e ao Rei. Enviar religiosos nestas terras poderia significar para o Pontífice aumentar os fiéis católicos e para o Rei obter maior controle do território: “os naturais assi das Ilhas, como os da Serra Leoa, e Costa da Guiné, os que são gentios, são muito faças de converter, e se ouvera muitos sacerdotes zelosos com igrejas, a todos bautizarão”. Nesta perspectiva ressalta também a consideração política de dividir as ilhas entre as que pertencem à coroa portuguesa e as que são governadas por senhores locais, mostrando o proveito que a própria Coroa podia obter em aumentar a presença religiosa para ampliar, ao mesmo tempo, os territórios do padroado português: “As que são povoadas de gentios (que são muitas) são de Reis, e senhores naturais gentios. As que são povoadas de Christãos são da Coroa de Portugal”. De resto, o enviar bispos e Padres seria um ótimo proveito para a própria Igreja sendo a Coroa portuguesa responsável pelo mantimento deles (Ilha de Santiago: “a todos paga sua magestade seus ordenados”; Ilha do Fogo: “a todos dá sua Magestade ordinaria”).

Nestes apontamentos há um quadro bastante sintético da situação de 5 ilhas de Cabo Verde (Santiago, Fogo, Santo Antão, Santa Luzia e Sal), acrescentando também algumas considerações sobre a Serra Leoa e umas terras da Província de Cacheu: o relato avança desta forma com a posição geográficas, a descrição física, a enumeração dos povos que a habitam dividindo entre cristãos e ‘gentios’, entrelaçando as informações com a realidade religiosa. Para fazer alguns exemplos (veja-se na íntegra o documento n. 2 em Apêndice):

¹⁴ O primeiro grupo de quatro jesuítas (três padres e um irmão) liderado pelo português Baltasar Barreira (1538-1612) partiu de Lisboa a 4 de junho de 1604. Cfr. Gonçalves, 2000, pp. 161-173; e Carvalho, 2001.

O relato fornece elementos concretos de colocação topográfica e de descrição física: “As jlhas do Cabo Verde, que estão defronte da Costa de Guiné”; “He esta Ilha [Santiago] de doze leguas de cumprimento, e quatro de largo”.

Em termos descritivos, as ilhas “são muitas, humas grandes, outras pequenas” e não têm boas condições de vida (“Porem a terra he *mu*ito doentia, pera os que vão destas partes de Europa, e assi de quinze *Padres* da *Companhia* que la forão mandados, em pouco tempo morrerão cuazi todos, e oje ficarão lá mais que dous *Padres*, e hum irmão na *Risidenc*ia que esta na Ilha do Cabo Verde”).

Desde o ponto de vista económico as ilhas poderiam ser bastante rentáveis porque a ilha de Santiago é “farta, e abundante”; a ilha de Sal “Ha nella muito sal, e por isso vão a ella *mu*itas nao framengas carregar de sal, que he *mu*ito bom; ha tambem nella muito gado de vaquas, e grande quantidade de cabras”. Mais saudável parece ser a Serra Leoa: “terra *mu*ito grande, e estendida, e *mu*ito mais sadia que as Ilhas”. Além disso é a partir exactamente da Serra Leoa que se desenvolve o comércio de escravos: “Nesta terra não ha capitão, ne moradores Portuguezes, mas vão lá com seus navios algumas vezes pollo anno mercadores Portuguezes, comprar, e tratar escravos”. Toda a costa tem riquezas que o documento ressalta: “he toda terra muito abundante de mantimentos; arroz, milho, fruita, e muitas carnes, e leite e mantega, çera, e muito marfim”. Além disso na Ilha de Santiago “ha Governador Potuguez fidalgo com o governo de todas as mais Ilhas, ha alfandega, officias, e soldados com boa fortaleza; e na cidade haverá ate duzentas cazas de Portuguezes mercadores”: uma ilha portanto bem estruturada para o comércio, onde todavia não falta o cuidado para a saúde e para os mais necessitados: “Ha tambem casa de Mizericordia, e hospital”.

No relato as povoações são bem diferenciadas entre cristãos e não cristãos para oferecer a dimensão da necessidade de Padres: “todas povoadas, algumas de gentios, outras de Christãos”; e de cada uma segue uma descrição mais detalhada em termos de cristandade.

O problema principal das ilhas e das terras da Guiné e da Serra Leoa é o de terem apenas um bispo: “de todas as jlhas, e da Serra Leoa, e Costa da Guiné ha hum Bispo, com cuidado especial, elle reside na Ilha de Santiago”, na Ribeira Brava “cabeça de todas as outras”. O relato entra no pormenor das actividades que pertencem ao bispo ou aos poucos religiosos que aí vivem (“Conigos, e dignidadaes, e *mu*itos clerigos”): “[o Bispo] donde vaj visitar algumas, e manda clerigos visitar e administra os Sacramentos, e dizer Missa as outras principalmente onde não ha Igrejas com curas de assent”; e falando da Ilha de Santiago “se ocupão na Cidade nos ministerios, e vão as vezes em missão pellas

outras Ilhas”; e da Ilha de Santo Antão: “vay lá hum clerigo a ter missa, e a ministrar os Sacramentos”; da Ilha de Santa Luzia: “vay lá hum clerigo dizer missa e administrar os sacramentos”; Ilha do Sal: “vay tambem hum clerigo dizer missa e administrar os sacramentos”. O autor deste pequeno relato incentiva portanto o aumento dos Padres, manifestando a possibilidade de converter os gentios que vivem nas ilhas: “os naturais assi das Ilhas, como os da Serra Leoa, e Costa da Guinê, os que são gentios, são muito façis de cõnverter, e se ouvera muitos sacerdotes zelosos com igrejas, a todos bautizarão”.

Albergati, provavelmente, pede esta relação para ter conhecimento da situação das terras dominadas ou frequentadas por portugueses com a finalidade de poder intervir quer junto do Papa para pedir reforço de missionários, quer junto do monarca para que aceite uma presença mais ampla de Padres (‘curas’, o seu termo espanhol) portugueses assim como de outras nacionalidades nomeadamente italianos.

A difusão da fé católica passa, através do coletor Albergati em Portugal, também para a sua leitura política e sócio-cultural das terras do ultramar. António Albergati, protagonista na Igreja da primeira metade do século XVII, como parente do Pontífice e do fundador da Propaganda Fide, como coletor de uma das terras mais relevantes em termos estratégicos mundiais, recolhe documentos, informações, realtos; ele próprio redige e recebe cartas; informa responsáveis eclesiais e políticos das situações das terras africanas e orientais; influencia o pensamento da época pelo que concerne os temas da escravidão, avisando sobre o processo e as áreas em que este ocorre. Portugal, nesta perspectiva, torna-se um ponto no mapa da Península Ibérica onde confluem as forças económicas de um Império antigamente prestigioso sobre o qual várias forças interagem: uma monarquia dual que já não o considera central no processo da expansão, um ambiente de mercadores cada vez mais autónomo e já quase fora dos monopólios do estado, uma igreja que já o ultrapassa pedindo por um lado que os religiosos passem pela Propaganda e deixem a dependência da Coroa portuguesa e por outro a continuação de contributos económicos dos quais a Sé papal precisava.

1. *Apêndice*¹⁵

Documento n. 1: Rascunho de uma carta de Albergati destinada ao Rei D. Filipe III de Portugal

[f. 18]

Sagrada Majestade

Quando o Papa nosso *Senhor* me declarou por seu ministro nestes Reinos de Portugal, um dos principais negocios que me mandou que fizesse foi¹⁶ o cuidado spiritual da Igreja e stado de *Vossa autoridade*, e tendo negoceado despois com migo argumentos varios o Ambaxador de *Vossa magestade* em Roma, tenho restringido¹⁷ dos particulares desse Reino e das necessidades em que se aclara agora¹⁸ as cosas¹⁹ mais necessarias a quatro pontos.

O primero é que se²⁰ ordene outro bispo por esse Reino de *Vossa Magestade* pois que o d'Angola não pode satisfacer a um Reino taom grande.

O segundo que se faça um seminario em Congo d'Indios naturais, por à converção dos Infieis.

O terzero, que se mandem desta Cidade à esse Reino religiosos de boa vida e exemplo.

O quarto que os suditos de *Vossa Magestade* não sejam vessados dos Governadores de Angola.

Eu antes de me partir de Roma sollicitei de ter particular breve de sua Santidade sobre todos estes particulares, por el Rei de Spanha o qual me deo, et o²¹ apresentei em Madrid²² fazendo de mais todos os ufficios com muito encaressimento com sua *magestade* que eram necessarios e com os do seu conselho, e por meio de Deus temos ja visto o bom sucesso deles assim no tirar o Governador d'Angola, que maltratava os suditos de *Vossa magestade* como na erecção de hum seminario pois que se tem alcansado de sua *magestade* Rei de Spanha que apliquerá o animo em mandar fazer outro [f. 18v] seminario em Congo como tambem por este negocio mandei fazer de novamente outra

¹⁵ Mantenho a grafia do original, sem corrigir evidentes erros de ortografia assim como italianismos e hispanismos, e intervenho apenas nas seguintes circunstâncias: introduzo distinção entre i/j, desenvolvo abreviações. O texto apresenta numerosos problemas ortográficos, mas o contexto não deveria determinar incompreensões.

¹⁶ foi] *foi que*, com que cancelado por uma linha horizontal.

¹⁷ tenho restringido] escrito na linha seguinte com um sinal que indica a posição da frase

¹⁸ Segue uma mancha do papel e uma frase apagada com uma linha horizontal: *as principales necesidades*.

¹⁹ Segue-se o início de uma palavra apagada com linha horizontal: *nece*.

²⁰ Se] escrito na entrelinha superior a definir a sua colocação.

²¹ o] escrito na interlinha superior.

²² Seguem-se duas palavras apagadas: *de mais*.

lembranza por o Bispo de Angola antes de se partir e assim elle como eu temos boa resposta de sua magestade e mais temos speranza que se façam missões d'outros que de Portuguezes de manera que agora venem a essas partes alguns Padres da Companhia Italianos, et speramos que este verão venhem Padres capuchos.

Mando à *Vossa Magestade* um Breve de Nosso Senhor por via do *Padre*²³ e juntamente huma caixinha de muitas cosas de devocção que venem de Roma. Do mesmo entenderá *Vossa Magestade* o que me parece bem por ter medo nos seus Reinos de prover ao novo Bispo que se determina de fazer, o que²⁴ espero socederá facilmente, et sem difficultade.

Mais saberá *Vossa Magestade* como tenho eu considerado a nicisidade que ella tem de ter corenspondentia de contiuo neste Reino, et com o Rei de Espanha e com estes seus Governadores, tendo destinado e deputado o senhor João Agostinho della Torre²⁵ fidalgo Genoves que mora nesta cidade que foi muito experimentado destes temas, et muito participe²⁶ de *Vossa Magestade* sto certo que elle a servirá em todas suas cosas com muito cuidado, e diligencia. E assim poderá *Vossa Magestade* escreverla livremente, e com toda a confiança, et as cartas que *Vossa Magestade* me escrever [f. 19] as poderá mandar de baixo da casca do doutor João Agostinho por que as vezes me podrei achar distante de Lisboa, e elle terá cuidado de me mandar as²⁷ cartas com toda à fidelidade.

Elle é pessoa mui honrada e de grande entendimento que poderá servir à *Vossa Magestade* em muitas cosas et²⁸ proponerle muitas cosas que seram de grande servizo de *Vossa Magestade* e dos seus Reinos.

²³ Reticências do próprio texto.

²⁴ Segue-se uma palavra incompreensível apagada.

²⁵ Por Giovanni Agostino Della Torre cfr. Drumond Braga, 1995, pp. 123-132: “oriundo de urna importante familia de Génova (“familias Ilustres”, “estimados e respeitados geralmente e de todos os fidalgos e pessoas principaes”, como ele próprio diz num memorándum dirigido em 1652 à Inquisição), bem tratado por um dos nncios em Madrid, que em 1652 desempenhava as funções de Papa com o nome de Inocêncio X, servirá Filipe III em várias circunstâncias, como um resgate de cativos oriundos de Génova e detidos no Norte de África, tendo conseguido desfazer pactos entre os Holandeses e o Xarife, “con a intelligensa de seus amigos Renegados capitains, Alcajdes e Baxas do Xarife”. Em Portugal, gozava do título de criado de el-Rei, “sem embargo de ser estrangeiro e não ter o foro que he costumado dar se aos mais aos criados na forma estilo deste Rejno não por isso deixa de gozar os foros da nobreza e preminencias que seus criados gozão”.

²⁶ Muito participe] escrito na interlinha sobre duas palavras apagadas com uma linha horizontal: particularmente *affizionado*.

²⁷ Segue-se uma palavra apagada com uma linha horizontal: *vossas*.

²⁸ Segue-se a palavra *podará* apagada com uma linha horizontal.

Vossa Magestade o istime que elle o merese et se achará mui bem servido delle, et nosso *senhor* o guarde, et li de os anos de vida que por mim deseio. Lx 22 de *ottobre* 1622.

Documento n. 2: [f. 155] Relação das Igrejas e Christandade das jlhas do Cabo Verde e da Serra Leoa

As jlhas do Cabo Verde, que estão defronte da Costa de Guiné são muitas, humas grandes, outras pequenas, todas povoadas, algumas de gentios, outras de *Christaões*. As que são povoadas de gentios (*que são muitas*) são de Reis, e senhores naturais gentios. As que são povoadas de *Christaões* são da Coroa de Portugal (de todas as jlhas, e da Serra Leoa, e Costa da Guiné ha hum Bispo, com cuidado especial, elle reside na Ilha de Santiago, donde vaj visitar algumas, e manda clerigos visitar e administra os Sacramentos, e dizer Missa as outras principalmente onde não ha Igrejas com curas de assento; os naturais assi das Ilhas, como os da Serra Leoa, e Costa da Guiné, os que são gentios, são muito façis de cõnverter, e se ouvera *muitos* sacerdotes zelosos com igrejas, a todos bautizarão. Porem a terra he *muito* doentia, pera os que vão destas partes de Europa, e assi de quinze *Padres* da *Companhia* que la forão mandados, em pouco tempo morrerão cuazi todos, e oje ficarão lá mais que dous *Padres*, e hum irmão na Residência que esta na Ilha do Cabo Verde.

Ilha de Santiago que he a que se chama Cabo Verde

He esta Ilha de doze leguas de *cumprido*, e quatro de largo, há nella huma Cidade, que se chama da Ribeira Brava, e he cabeça de todas as outras; nella reside o Bispo com sua sê, Conigos, e dignidadaes, e *muitos* clerigos, a todos paga sua *magestade* seus ordenados.

Ha nesta Ilha alem da Cidade, tres povoacois com suas igrejas freguesias com seus curas, e a igreja e freguesia de *Santo* Domingo a freguesia e igreja de *Santa* Catharina, e a freguesia da Villa da Praja, os naturais assi da cidade, como de toda a Ilha são todos *Christaões*.

Nesta cidade ha Governador Potuguez fidalgo com o governo de todas as mais Ilhas, ha alfandega, offiças, e soldados com boa fortaleza; e na cidade haverá ate duzentas cazas de Portuguezes mercadores; e he *seriamente* farta, e abundante.

Ha huma residência dos *Padres* da *Companhia* ainda que não são agora mais que tres, e se ocupão na Cidade nos ministerios, e vão as vezes em missão pellas outras Ilhas.

Ha tambem casa de Mizericordia, e hospital.

Ilha do fogo

Nesta Ilha ha huma povoação de alguns Portuguezes, e dos naturais, que todos são *Christãos*, ha huma Igreja freguezia com hum clerigo. Ha capitão, e officias, e a todos dá sua *Magestade* ordinaria.

Ilha de *Santo Antão*

Esta ilha he do conde de *Santa Cruz*, povoada de naturais todos *Christãos*, vay lá hum clerigo a ter missa, e a ministrar os Sacramentos

[f. 155v]

Ilha de *Santa Luzia*

Nesta ilha tambem todos os naturais são *Christãos*, e vay lá hum clerigo dizer missa [↑] e administrar os sacramentos.

Ilha do Sal

Esta ilha he de hum fidalgo Portuguez, os naturais são todos *Christãos*, e vay tambem hum clerigo dizer missa e administrar os sacramentos. Ha nella muito sal, e por isso vão a ella muitas nao framengas²⁹ carregar de sal, que he muito bom; ha tambem nella muito gado de vaquas, e grande quantidade de cabras.

Serra Leoa

A Serra Leoa, está na terra firme da Costa de Guiné, e he terra muito grande, e estendida, e muito mais sadia que as Ilhas, não he da Coroa de Portugal, mas de Reis naturais, dellas, dous são *Christãos*, hum que he o primeiro se chama Dom Felipe, e se diz Rey da Serra Leoa, o outro se chama Dom Pedro de Caricuri, e os vassalos destes dous Rejs, os mais delles são *Christãos*, bautizados assi os Rejs como os vassalos pollos *Padres* da *Companhia*, que haverá 16 annos que forão lá, e estiverão sempre ate os annos passados, que morreo ahi hum *Padre*, e depois não forão outros. Não ha outras igrejas, se não humas que fizerão os *Padres* da *Companhia*, que erão freguezias.

Nesta terra não ha capitão, ne moradores Portuguezes, mas vão lá com seus navios algumas vezes pollo anno mercadores Portuguezes, comprar, e tratar escravos.

Povoação de Cacheo

Esta povoação está tambem na terra firme da Costa de Guine como sete ou oito jornadas de navegação da Serra Leoa pera o norte, haverá nella setenta, ou oitenta cazas de mercadores Portuguezes, afora os naturais todos *Christãos*; ha huma Igreja com hum Clerigo para Vigario com huma Igreja de *Nossa Senhora*, com huma feitor de sua *Magestade*.

Povoação de Bichamur

²⁹ Deve-se entender: *flamengas*.

Está esta povoação çinquo legoas da Povoação de Cacheo pollo rio açima vindo pera o Oriente, terá quinze cazas de Portuguezes mercadores; ha huma igreja que he fraguezia com hum clerigo. Os naturais que pousão na Povoação são *Christãos*, tirando o Governador do Rey gentio cuja he a terra, que he gentio com os seus servidores de sua caza, como são tambem gentios todos os mais naturais da quellas partes, e Reinos, mas mais façis para se converterem.

Povoação do rio grande Porto de Santa Cruz

Este Porto está na terra firme da Costa de Guinê, da Pouvação de Cacheo pera o Sul como çem

[f. 156]

legoas; ha nella huma Povoação com algumas dez cazas de Portuguezes mercadores. Ha huma Igreja de *Nossa Senhora*, e vai hum clerigo, dizer missa, e administrar os sacramentos, mas não ha cura de ordinario, e ha muitos naturais *Christãos*.

Polla mesma Costa de Guinê ha outros muitos portos, e povoaçoes onde vão os mercadores; e he toda terra muito abundante de mantimentos; arroz, milho, fruita, e muitas carnes, e leite e mantega, çera, e muito marfim.

Documento n. 3: [f. 221] Comincio Di Giugno 1622

Angola e Congo, e Persia

Quando venne in Portogallo il *Collettore* tra gli altri negotij che gli commosse la *Santità* di *Nostro Signore* uno fu la cura dell'Indie e la previsione a molti negotij appartenenti a quelli e particolarmente il Re e Regno di Congo.

E perché s'intese che quel Re era travagliato dal *Governatore* d'Angola onde che era pericolo d'una gran guerra tra il Re di Spagna e quel Re pertanto il *Collettore* fece ufficio con *Sua Maestà* e con li *Governatori* del Regno che provedesse a questo grande inconveniente accio non si perdesse questo Re nuovo nella fede insieme col suo Regno.

E cosi *Sua Maestà* informata della venuta di questo negotio ordino che quel *Governatore* venisse prigionie nel Castello accioche si liberasse dalle querelle oppostegli.

Quanto poi allo quale s'hebbe in consideratione che essendo quel Regno più grande che non e tutta la Spagna, e non havendo altro che un Vescovo solo d'Angola non potrà bastare a soddisfare alli carichi di tante migliaia d'animi. Ondeche si tratta seriamente con sua *Maestà* e con *questi Governatori* di far un altro Vescovo in Congo e piantarvi ancora un seminario d'Indiani e si tratto due volte coli *Governatori* del Regno et in specie col *Vescovo* di Coimbra.

2. Bibliografia

- Almada, André Álvares de (1841) *Tratado breve dos rios da Guiné do Cabo Verde desde o rio de Sanagá até aos baixos de Sant'Anna; de todas as nações de Negros q(ue) ha na ditta costa, e de seus Costumes, armas, trajes, juramentos, guerras*. 1594 (Ms. digitalizado <<https://purl.pt/17338>> (23 de junho de 2021), ed. por Diogo Köpke. Porto: Typographia Commercial Portuense.
- Brásio, António (1952-1988) *Monumenta Missionária Africana*. 15 vols., Lisboa: Agência Geral do Ultramar, Academia Portuguesa de História.
- Carvalho, José Vaz de (2001) 'Cabo Verde', in O'Neill, Charles E. S.J. - Dominguez, Joaquin M. S.J. (orgs.) *Diccionario histórico de la Compañía de Jesús biográfico-temático*. 4 voll., Roma - Madrid: Institutum Historicum SJ-Universidad Pontificia Comillas.
- Catalogue (1850) *Catalogue of Additions to the Manuscripts in the British Museum in the years MDCCCXLI-MDCCCXLV*. London: Printed by Order of the Trustee.
- Corpo Diplomatico Portuguez (1902) *Corpo Diplomatico Portuguez contendo os actos e relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo desde o seculo XVI até aos nossos dias*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- Demaret, Mathieu (2021) *Estratégias expansionistas e conflitos políticos em Angola (1575-1641)*. 1º Encontro Internacional de Jovens Investigadores em História Moderna (Lisboa, Sep 2009), presente em hal01736483, <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01736483/document>> (23 de junho de 2021).
- Donelha, André (1977) *Descrição da Serra Leoa e dos rios da Guiné do Cabo Verde*. Lisboa: Junta de Investigação Científica do Ultramar,.
- Drumond Braga, Paulo (1995) 'Dois Luso-Genoveses na inquisição de Lisboa no século XVII', *Revista de la Inquisición*, 4, pp. 123-132.
- Giordano, Silvano (a cura di) (2006) *Istruzioni di Filippo III ai suoi ambasciatori a Roma 1598-1621*. Roma: Ministero per i beni e le attività culturali.
- Gonçalves, Nuno da Silva (1996) *Os jesuítas e a Missão de Cabo Verde (1604-1642)*. Lisboa: Brotéria.
- (2000) 'A Missão de Cabo Verde (1604-1642)', em *A Companhia de Jesus e a Missão no Oriente*. Actas do Colóquio Internacional promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria (Lisboa, 21 a 23 de abril de 1997). Lisboa: Brotéria - Fundação Oriente, pp. 161-173.
- Narducci, Enrico (1892) *Catalogo dei Manoscritti ora posseduti da Baldassarre*

- Boncompagni*. N° 18, Roma: Tipografia delle Scienze Matematiche e Fisiche.
- Pizzorusso, Giovanni (2018) *Governare le missioni, conoscere il mondo nel XVII secolo. La Congregazione pontificia De Propaganda Fide*. Viterbo: Sette Città.
- Rosa, Mario (1960) 'Albergati, Antonio', em *Dizionario Biografico degli italiani*. Vol. 1, Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, pp. 615-617.
- Rodrigues, Samuel (2001) 'Legados pontifícios', em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Direcção de Carlos Moreira Azevedo. Vol. 2, Lisboa: Círculo de Leitores.
- Siri, Vittorio (1655) *Il Mercurio ovvero Historia de' correnti tempi*. Casale: Giorgio Del Monte.

3. Curriculum vitae

Mariagrazia Russo é Diretora da Faculdade de Interpretação e Tradução e Professora catedrática de Língua e tradução Portuguesas na Università degli Studi Internazionali di Roma (UNINT), onde dirige a Cátedra "Vasco da Gama" do Instituto Camões. Formou-se na Universidade "La Sapienza", onde fez os estudos académicos até ao Pós-doutoramento em Filologia Românica e Investigação Textual; na Universidade "Sorbonne IV" de Paris conseguiu o Diplôme d'Études Approfondies en Etudes Portugaises, Bresiliennes et de l'Afrique Lusophone. É autora de várias obras nas áreas da literatura, história e língua dos países de língua oficial portuguesa. Numerosos são os seus estudos de arquivos e fundos de bibliotecas com documentos inéditos que dizem respeito à historiografia de viagem e diaspórica. Os estudos linguísticos visam aprofundar a linguística missionária, de contato, fronteira e herança, a toponomástica, lexicografia e tradutologia.

e-mail: mariagrazia.russo@unint.eu

website: <https://www.unint.eu/it/ateneo/governo-e-controllo/305-mariagrazia-russo.html>

© Copyright: Author(s).

Gli autori che pubblicano con *RiMe* conservano i diritti d'autore e concedono alla rivista il diritto di prima pubblicazione con i lavori contemporaneamente autorizzati ai sensi della

Authors who publish with *RiMe* retain copyright and grant the Journal right of first publication with the works simultaneously licensed under the terms of the

“Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0 International License”



Il presente volume è stato pubblicato online il 30 giugno 2021 in:

This volume has been published online on 30th June 2021 at:

<http://rime.cnr.it>

CNR - Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea
Via Giovanni Battista Tuveri, 128 - 09129 Cagliari (Italy).
Telefono | Telephone: +39 070403635 / 070403670.
Sito web | Website: www.isem.cnr.it

